

Aprovada em Brasília a volta do ensino musical nas escolas

Câmara aprova por unanimidade a volta da educação musical no ensino fundamental



Felipe Radicetti, compositor e coordenador do Grupo de Articulação Parlamentar Pró Música - GAP.

Pág. 7



Entrevista:
Joyce lança DVD
em 2008

Cantora comemora os
40 anos de carreira com
novo DVD e homenagem
à Bossa Nova.

Pág. 3

Música brasileira em festa
com Edino e Sandrino



Charge de
Chico Caruso
publicada
na primeira
pagina de
O Globo em
17/03.

Pág. 4

1ª Conferência Internacional de
Músicos de Orquestra na Alemanha.



Pág. 6

SindMusí marca presença representando o Brasil

Veja também...

Empresas aéreas

5

Instrumentos musicais tratados como carga traz problemas para o músico. TAM reconsidera instrumentos como bagagem.

Comemoração

8

Robertinho Silva e os 50 anos de carreira. O músico é convidado de Daniel Batera dia 2 de junho no Teatro do SESI.

Aperfeiçoamento

11

Nova turma para oficina de Produção e Gestão Cultural a partir de 10 de junho. Inscrições antecipadas têm desconto.



Palavra de Presidente

Deborah Cheyne

Coisa de Mulher

O processo discriminatório entre os sexos é histórico. Analisando esse processo até os dias de hoje, constatamos que as desigualdades existentes entre homens e mulheres ocorrem em quase todas as sociedades. Muitas vezes as mulheres sofrem uma condição de múltiplas e cumulativas discriminações: cor, etnia, condição social, aparência, etc.

Todo processo de transformação da dinâmica que rege as relações econômicas e sociais está subordinado às estruturas de poder. Daí, para utilizar um neologismo, a necessidade de “empoderar” (incluir nas estruturas de poder, influência e decisão) as mulheres. Essa não é a melhor, mas a ÚNICA maneira de resgatar a milenar injustiça praticada contra aquelas que são mães, irmãs, esposas e atoras de um mercado de trabalho onde percebem salários inferiores aos dos homens em 30% e até 50%, exercendo a mesma função. Na sua esmagadora maioria os cargos de chefia e comando são ocupados pelos homens. No meio sindical, a baixa representatividade feminina no espaço tem reflexo direto no cotidiano vivido pelas trabalhadoras nos locais de trabalho. Seus anseios, angústias e dificuldades são vivenciados de forma individual e isolada. A falta de abertura, timidez, retraimento e baixa auto-estima das trabalhadoras fazem com que essas questões sejam consideradas “naturais” e não devam ser externadas aos dirigentes sindicais. Desta forma é difícil visualizar com mais profundidade as conseqüências dos problemas enfrentados pelas trabalhadoras. De alguns anos para cá alguma coisa tem sido feita para reduzir preconceitos e discriminações históricas praticadas contra a mulher na sociedade. No entanto, ainda representam uma gota d’água em meio a um oceano de milenares injustiças, discriminação e violência contra as mulheres. Sabemos que esse processo é irreversível e que para isso é fundamental a experiência adquirida através do envolvimento entre mulheres trabalhadoras e dirigentes sindicais. Não se trata de promover o assistencialismo às mulheres. Trata-se, sim, de fazer valer a visão de uma nova sociedade, fortalecedora dos princípios de respeito, solidariedade, igualdade e de partilha entre as pessoas, indiferente ao gênero, etnia, cor, condição social e etc. Àqueles que insistem em fazer prevalecer o padrão retrógrado, imbecil e preconceituoso de que as mulheres são inferiores aos homens, fica o maternal convite para que tenham a coragem - tão associada ao sexo masculino - de mudar definitivamente de atitude, condição primordial para a construção de um novo mundo.

Tabela de Cachês para Trabalhos Eventuais

(Valores em Reais - a partir de 09/05/08)

Músicos contratados no Rio de Janeiro receberão cachês estabelecidos na tabela do SindMusi/RJ

CD		Tapes Especiais	
Por Período		Teatro/ Historieta/ etc	
Chamada mínima 03 períodos.....	R\$ 565,00	Por Período.....	R\$ 190,00
Instrumentista/ Corista/ Ritmista		Cachê de Televisão	
por período	R\$ 190,00	Chamada mínima de 05 horas.....	
Dobra	R\$ 190,00	Hora Excedente ou fração	
Solo 10 períodos.....	R\$ 1.885,00	Por show.....	
Por Faixa		Por ensaio (máx. 03 horas)	
Faixa (Instr./ Corista/ Ritmista)	R\$ 565,00	Hora extra de ensaio	
Dobra	R\$ 190,00	Acompanhamento de Artistas	
Solo	R\$ 1.885,00	Nacionais no Exterior	
Making Of de CD		Por show.....	
Por faixa	R\$ 280,00	Acompanhamento de Artistas Estrangeiros	
Obs: Tempo máximo para gravação de uma faixa 2h30m. Hora excedente ou fração.		Por show.....	
.....		Por ensaio (máx. 03 horas)	
.....		Hora extra de ensaio	
DVD		Obs: O valor do show inclui passagem de som (sound-check) de 3 horas. Após este tempo, paga-se hora extra de ensaio.	
Por Faixa	R\$ 565,00	Concerto Sinfônico, Câmara, Balé, Ópera, Opereta e Congêneres	
Obs: Caso o material gravado para o DVD se converta em CD, deverá ser pago em adicional o valor de tabela para gravação de CD.		Orquestra - por Espetáculo	
.....		Spalla	
Arranjo		Instrumentista - Cordas/ Sopros	
Por arranjo	R\$ 1.330,00	Percussão/ Outros	
Por Regência	R\$ 1.330,00	Orquestra - por ensaio (máx. 03 horas)	
Cópias - Garantia mínima		Spalla	
550 compassos.....	R\$ 260,00	Instrumentista - Cordas/ Sopros	
Por compasso	R\$ 0,50	Percussão/ Outros	
Jingle ou Vinheta		Coro - por espetáculo	
Por Período		Corista	
Chamada mínima 02 períodos.....	R\$ 630,00	Coro - por ensaio (máx. 03 horas)	
Peça até 1 minuto período	R\$ 315,00	Corista	
Dobra	R\$ 315,00	Obs: Será cobrado 20% sobre o valor do período de ensaio para cada hora ou fração de hora excedente.	
Solo 10 períodos.....	R\$ 3.140,00	Pianista Co-Repetidor	
Faixa		(por hora de ensaio)	
Cada faixa.....	R\$ 630,00	Músico acompanhador para aulas de balé, dança e congêneres	
Cada Dobra.....	R\$ 315,00	Por hora	
Solo	R\$ 3.140,00	Baile	
Obs: Tempo máximo para gravação de uma faixa 2h. Hora excedente ou fração.		Por baile.....	
.....		Música ao vivo (ambiente)	
.....		Por apresentação	
Filmes		Casamentos / Cerimônias religiosas	
Trilha sonora para longa metragem ou entretenimento além de 60 min. (onde se desobrigue música ao vivo)		Por cerimônia.....	
Por Período		Hora/aula	
Trilha para filme nacional		Normas de gravação	
Chamada mínima 03 períodos.....	R\$ 1.255,00	1. O tempo de trabalho começa a ser contado a partir do momento em que o músico estiver à disposição do contratante.	
Período	R\$ 420,00	2. Na gravação por período, o primeiro período é de 60 (sessenta) minutos e os subseqüentes, de 45 (quarenta e cinco) minutos.	
Trilha para filme internacional		3. Dobra é a execução da mesma partitura com o mesmo instrumento mais que uma vez.	
Chamada mínima 03 períodos.....	R\$ 1.715,00	4. Cada troca de instrumento corresponde a uma chamada mínima ou faixa.	
Período	R\$ 570,00	5. Cada nova partitura executada pelo mesmo músico, num mesmo arranjo, corresponde a uma chamada mínima ou faixa.	
Obs: Esses valores não incluem lançamento da trilha em CD.		6. Na gravação por período, quando o número de faixas for maior que o nº de períodos, o músico receberá o número de períodos correspondente ao número de faixas gravadas.	
.....		7. Pout-pourri é o arranjo de mais de uma música com, no máximo, 100 compassos. Ultrapassando este limite, corresponde a novo arranjo e assim subseqüentemente.	

Expediente

SINDMUSI - Sindicato dos Músicos Profissionais do Estado do Rio de Janeiro: Presidente: Deborah Cheyne • Vice-Presidente: Itamar Assiére • Diretor Tesoureiro: Luiz Carlos Hack • Diretor do Trabalho: Leandro Vasques • Diretor Secretário: Antônio Augusto • Diretora do Patrimônio: Ariane Petri • Diretor Administrativo: Alan Magalhães • Diretor Social: Adil Tiscatti • Diretor de Comunicação: Kleber Vogel • Diretor de Inform ática: Flávio Pereira • Representante I: Carlos Malta • Representante II: Victor Neto • Conselho Fiscal: Carlos Soares, Mauro Ávila e Nayran Pessanha • Suplentes: Anselmo Mazzoni, Fabiano Krieger, Nando Gomes, Jair de Sousa, Fernando Merlino, Laura Rónai, Sonia Katz e Ubiratã Rodrigues • Quadro Funcional: Gerente Administrativa: Natalia Carneiro • Advogados: Helder Silveira e Karen Rocha • Estagiária: Cintia Pontes • Auxiliares Administrativos: Alex Gomes Freire e Angelica Angelo • Serviços Gerais: Vera Kloczko • Endereço: Rua Álvaro Alvim, 24/405 • Cinelândia • Rio de Janeiro - RJ • CEP: 20031-010 • Tel: (21) 2532-1219 • Fax: (21) 2240-1473 • homepage: www.SindMusi.org.br • email: SindMusi@SindMusi.org.br • Horário de Atendimento: 2ª a 6ª das 10 às 18h. • Delegacia Regional Serrana do SindMusi: Delegado: Alan Magalhães • Jornal Musical: Jornalista responsável: Miguel Sá • Projeto Gráfico e Diagramação: Amarilio Bernard (by3@uol.com.br) • Fotolito e Impressão: Jornal do Comércio • Tiragem: 6.000 exemplares • Circulação: Rio de Janeiro.

“Joyce: feminina e independente”

Repórter - Miguel Sá



Joyce está completando 40 anos de carreira. A cantora, violonista e compositora que surgiu com a segunda geração da bossa nova foi a primeira a compor canções com eu lírico feminino, o que lhe valeu certa resistência por parte da crítica no final da década de 60. Alguns chegavam a duvidar que fosse ela mesma quem escrevia as músicas. Os anos - e alguns discos - se passaram e Joyce gravou “Feminina”, em 1980, com o sucesso “Clareana”, a canção “Mistérios” (parceria com Maurício Maestro) e a música título do disco. O álbum projetou Joyce para o grande público.

A postura independente de Joyce em relação ao mercado fonográfico atrapalhou um pouco a carreira nos anos 80. Mas o seu som universal acabou chegando com força na Europa e Japão. Com o sucesso no exterior, acabou ficando mais fácil abrir portas por aqui, apesar das barreiras. Joyce se tornou um dos primeiros artistas de música brasileira a viabilizar um trabalho independente, o que já acontece há mais de 15 anos.

Em 2008, a compositora comemora os 40 anos de carreira gravando um DVD com diversas participações especiais, como Dori Caymmi, João Donato e Leila Pinheiro. O DVD será lançado no segundo semestre deste ano. Joyce conversou com o Jornal Musical sobre a sua carreira, música e mercado musical.

uma outra fase, quando fiz o disco “Feminina”, em 1980. Embora eu já tivesse feito quatro discos, foi a primeira vez em que tive o controle de tudo. Fiz os arranjos de base, toquei violão em todas as faixas; as músicas e a maior parte das letras eram minhas. Daí em diante foi a questão dos músicos aceitarem a liderança de uma mulher. Dentro de

uma banda, se você queria ser uma líder e era mulher, tinha que ralar um pouco mais. Isso é uma questão que também já ficou velha e superada (risos).

Jornal Musical - Como se abriram as portas fora do Brasil?

Joyce - As portas se abriram a partir dos discos que eu já havia feito. Eles chegaram de alguma forma no exterior e as pessoas começaram a se interessar. Começou pela França, depois Japão. Veio então uma proposta para gravar pela Verve, que é um selo de jazz americano, onde gravei três discos. Nesse meio tempo, DJs de Londres descobriram meu disco de 1980 (Feminina) e começaram a jogar na pista.

Jornal Musical - Aí veio a Internet... De que forma as novas mídias ajudam no trabalho?

Joyce - Na divulgação ajuda muito, mas sempre fico meio reticente com essa coisa de abrir mão dos direitos, porque isso é um trabalho. Nós todos botamos o pão nosso de cada dia na nossa mesa através

dos nossos direitos. Os direitos autorais, direitos de intérprete, conexos... Todos os direitos na Internet ficaram meio difusos. Isto é um assunto para se olhar com muito cuidado.

“a minha geração é a chamada segunda geração da Bossa Nova”

Jornal Musical - Tem essa polêmica do Creative Commons, um licenciamento no qual há opções nas quais poderia liberar a música em níveis diferentes...

Joyce - Quem quiser libere. Eu não vou liberar porque tenho família e nós precisamos comer. Acho que não podemos dar bobeira. Temos que vigiar muito.

Jornal Musical - Aqui no Brasil você não tem gravadora?

Joyce - Não. Como eu gravo muito para o exterior, consegui um esquema que funciona muito bem para mim e venho fazendo isso há uns 15 anos. Gravo para um selo no exterior, que pode ser da Inglaterra, Japão, EUA, etc. Às vezes as gravadoras lá se juntam quando tem um orçamento mais caro. Cada uma bota uma parte e a gravadora japonesa vende na Ásia, a europeia vende na Europa, a dos EUA vende também no Canadá e por aí vai. Eu sempre

reservo o território brasileiro para mim. É uma condição do meu contrato. Depois de algum tempo, lanço o disco aqui. Funciona muito bem para mim.

Jornal Musical - Você faz mais show aqui ou lá fora?

Joyce - Está bastante equilibrado. Sempre tenho muita coisa para fazer lá fora. Aqui há épocas. Agora, por exemplo, está um momento legal.

Jornal Musical - Como surgiu a idéia do show de comemoração em São Paulo?

Joyce - Tinha um convite da Fecap, que é um teatro que esta se firmando em São Paulo como um lugar para a música. Quem dirige é o Homero Ferreira, que já produziu vários discos do Chico Buarque e é muito ligado à música. Quando eles souberam que tinha essa história dos 40 anos de carreira e que eu estava a fim de fazer o DVD, eles se animaram. Os convites (para participações especiais) foram para intérpretes e parceiros. Com os parceiros, a proposta foi só mostrar música nova. Nada antigo ou que já tivesse sido gravado. Teve o Roberto Menescal, o Francis Hime, o Zé Renato, o João Donato, todos com músicas inéditas e novinhas. Os intérpretes convidados são os que estão fazendo releituras ou gravando músicas inéditas minhas hoje. Aí chamei as minhas filhas (Clara Moreno e Ana), a Leila Pinheiro, a Mônica Salmaso, a Zélia Duncan, que vai encerrar o projeto, e tem o Dori, que está nas categorias de parceiro e intérprete e com quem trabalho muito desde o meu primeiríssimo disco.

Jornal Musical - São 40 anos de carreira e também 50 anos de bossa nova. Você tem um repertório baseado na bossa nova. É quase uma dupla comemoração, não?

Joyce - Na verdade, a minha geração é a chamada “segunda geração” da bossa nova. É uma geração engraçada, porque ela deu galhos para todos os lados: os baianos fizeram o Tropicalismo, os mineiros o Clube de Esquina, os cariocas fizeram uma segunda geração da bossa nova, com Dori (Caymmi), Edu Lobo, Marcos Valle... O meu trabalho, por causa das letras no feminino, acabou pegando um outro rumo, bem “outsider” mesmo. Quando eu apareci, houve certa celeuma. Fui vaiada por causa disso (letras no feminino). Quando meu primeiro disco saiu, teve crítico que duvidou que as músicas eram minhas. Tem umas coisas que, hoje em dia, quando a gente fala, as pessoas acham que não é possível, porque já era 1968. Mas, por incrível que pareça, era isso mesmo.

Jornal Musical - Depois melhorou?

Joyce - As pessoas já entendiam que era eu mesma quem fazia as músicas, mas veio

Aniversários musicais com Edino e Sandrino

O mês de março teve, pelo menos, dois dias muito importantes para a música brasileira: no dia 13, foi o aniversário de 70 anos do contra baixista Sandrino Santoro. Boa parte dos contra baixistas do Rio de Janeiro passaram por aulas com o mestre, que foi recompensado com uma bela homenagem no dia de seu aniversário.

Dia 17 foi a vez do maestro e compositor Edino Krieger comemorar 80 anos. Muitos deles totalmente dedicados à música, compondo ou regendo. Do dodecafonismo à música clássica, há um pouco de tudo na música de Edino.

Edino Krieger

O compositor e maestro, descendente de alemães e índios, tem esta mistura refletida em sua música. A produção de Edino engloba desde a música de vanguarda até elementos da música folclórica brasileira em uma obra que continua a crescer ainda nos dias de hoje. O músico tem obras para orquestra sinfônica, oratórios, música de câmara, obras para coro e vozes e para instrumentos solistas. Edino também compôs trilhas para teatro e cinema.

O catarinense Edino, nascido na cidade de Busque, de colonização alemã, nasceu em 17 de março de 1928. Aos sete anos, o pai, Aldo Kieger, começou a lhe ensinar violino. Aos 15 anos mudou-se para o Rio de Janeiro, onde foi estudar no Conservatório Brasileiro de Música com bolsa do governo estadual. O jovem Edino aprendeu os segredos da harmonia e da composição com o professor alemão de música H.J. Koellreutter.

Antes dos 20 anos, Edino Krieger recebeu o Prêmio Música Viva por seu Trio de Sopros. Fez parte do Grupo Música Viva de compositores de vanguarda, ao lado de Koellreutter, Claudio Santoro, Guerra-Peixe e Eunice Catunda. Entre 1948 e 1950, continuou seus estudos nos EUA, inclusive na Julliard School of Music, em Nova York. Ao voltar, foi diretor musical da Rádio MEC.

Este não foi o único cargo administrativo que Edino exerceu em sua carreira. O maestro criou, no início dos anos 70, o embrião do que seriam as Bienais de Música Brasileira Contemporânea. Krieger foi ainda diretor de música da Funarte, presidente da Academia Brasileira de Música por duas gestões e diretor da Sala Cecília Meireles. Como diretor do Museu da Imagem e do Som, nos anos 2000, ele promoveu a recuperação de importante parte do acervo do Museu, incluindo a coleção do

fotógrafo Augusto Malta e o acervo da Rádio Nacional. Na Academia, Edino ocupa a cadeira de número 34, que já foi de Guerra Peixe.

A obra do compositor continuou ganhando prêmios, como o do I Concurso Nacional de Composição, instituído pelo Ministério da Educação. Em 1961 ganhou o Prêmio Nacional do Disco com o Quarteto de Cordas No 1. As Variações Elementares de Edino tiveram sua primeira execução no III Festival Interamericano de Música de Washington, em 1965. Em 1966 e 1967 ganhou a medalha de ouro no Festival Internacional da Canção, no Rio de Janeiro. Edino continua com intensa atuação musical, seja com novas obras, seja ajudando no desenvolvimento da música brasileira.



Charge de Chico Caruso publicada na primeira página de O Globo em 17/03.

Sandrino Santoro

Quando se fala em contrabaixo no Brasil, não dá para não lembrar de Sandrino Santoro. Afinal, são 50 anos de serviços prestados à música no Brasil como professor e contra baixista. Como professor, Sandrino foi titular da cadeira de contrabaixo de duas das mais prestigiadas universidades do Brasil - a UNI-Rio e a UFRJ. Como instrumentista, foram mais de 30 anos como primeiro contrabaixo solista da Orquestra Sinfônica do Teatro Municipal do Rio de Janeiro. Sandrino ainda tocou na Orquestra Sinfônica Nacional e na Orquestra Sinfônica da Rádio MEC.

Nestes 50 anos, o músico conquistou a estima e o respeito do meio musical brasileiro. “Nunca imaginei como seria chegar aos 70 anos. Fico imaginando se fiz tudo certo nestes anos todos”, comenta Sandrino, emocionado. A resposta vem com a quantidade de alunos, ex-alunos e músicos admiradores do trabalho dele. Só na homenagem, que aconteceu na Sala Baden Powell, foram 30 instrumentistas que fizeram questão de participar. O concerto foi na quinta-feira, dia 13 de março.

O evento foi todo organizado em um mês. Paulo Santoro, violoncelista filho de Sandrino, teve que organizar 30 contrabaixistas tocando peças em conjuntos de 3, 8, 16 e até 24 instrumentistas, além, é claro, do

Quarteto Santoro. “Foi uma trabalheira! Imagine organizar isso!” diz o músico. Para Ricardo Santoro, também violoncelista e filho de Sandrino, o que aconteceu no dia 13 foi uma grande festa de celebração musical “de um dos maiores contrabaixistas que o Brasil já teve”, exalta Ricardo. “Posso dizer que ele é o meu maior professor. A maior parte do que aprendi foi com meu pai. É um privilégio contar com um professor como ele em horário integral”.

Quando perguntado sobre o que é importante para aprender música e tocar bem, Sandrino lembra de como é importante o estudo e a concentração. “Quando eu era jovem, os maestros regiam e eu estava sempre atento, querendo aprender mais”. Entre os muitos momentos que o marcaram na carreira, Sandrino destaca uma vez, com a Orquestra do Teatro Municipal, quando o maestro visitante elogiou o desempenho do naipe de contrabaixos no solo da ópera “Otelo”, de Verdi. “Uma parte difícil”, relembra.

Para os jovens contrabaixistas - e instrumentistas em geral - um conselho: “A escolha de um instrumento sempre tem a sua parte afetiva. Se você gosta de um instrumento, não de ouvidos a quem diz que você não vai conseguir”, incentiva o professor.



Durante homenagem a Sandrino (esquerda), 24 contrabaixos no palco

Polêmica nas empresas aéreas: instrumento musical é carga?

Já há alguns meses que os músicos sentem como se nuvens carregadas surgissem no céu na hora em que vão despachar os instrumentos.

Orientações desencontradas e muita discriminação têm dado o tom das relações entre as empresas e os músicos, “principalmente na Gol”, explica o guitarrista de blues e produtor Big Joe Manfra. No caso da Gol, por causa da falta de critérios já houve casos em que, saindo do Rio para o nordeste, Manfra pôde despachar, normalmente, os instrumentos na ida. Já na volta, houve problemas com os mesmos equipamentos, demonstrando a falta de critérios objetivos para o embarque deles.

Já na TAM, apesar de a empresa dificultar a situação, tratando qualquer instrumento como carga, Manfra afirma que o comportamento é mais padronizado. “A empresa já tinha emitido um comunicado muito antes. O problema é que o músico em que despachar o instrumento quatro horas antes. Isto pode complicar para os músicos que viajam sem uma estrutura de produção, com roadies e tudo mais”, explica o guitarrista. Fora isto, como carga, nem sempre o instrumento viaja no mesmo avião e pode chegar dias depois ao seu destino.

Dentro da lei

Segundo a Agência Nacional de Aviação Civil (Anac), as empresas aéreas não estão agindo fora da lei. De acordo com o artigo 42 da Portaria 676 da Agência, são permitidos até 5 kg para a bagagem de mão. A soma das dimensões da bagagem (comprimento

+ largura + altura) também não poderá ser superior a 115 centímetros. Já para as bagagens despachadas, cada cliente adulto tem direito a até duas malas com peso total somado de 23 kg. Isto de acordo com a alínea B do artigo 37 da Portaria 676 de 13 de novembro de 2000 da Anac. A partir daí, as empresas aéreas podem organizar (ou desorganizar) o transporte de bagagens como bem entenderem.

TAM reconsidera medida que despacha cases de instrumentos como carga

No entanto, já houve mobilização, tanto coletiva como individual, da parte dos músicos. Os resultados já começam a aparecer. O baixista Zeca Assumpção mandou e-mails para a TAM e Gol. A última, por enquanto, parece ter se fechado nos seus critérios absolutamente subjetivos, como mostra o trecho da resposta mandada a Zeca por Priscila Azevedo, da Central de Relacionamento com o Cliente: “Ressaltamos também que a Gol Linhas aéreas inteligentes reserva-se no direito de recusar-se a transportar determinadas bagagens, se em virtude do peso, tamanho e espécie de bagagem, a mesma ser considerada perigosa, inconveniente ou imprópria para o transporte na aeronave. Nesta hipótese, sujeitam-se à aprovação certos instrumentos musicais, objetos de arte (estátuas, quadros, esculturas etc.) entre outros”.

A atitude da TAM foi outra. O presidente da TAM, comandante David Barioni Neto, diz que a empresa volta a aceitar despacho de cases como bagagem. “...o bom senso nos indicou que deveríamos

alterar o procedimento”. A medida não atinge ainda outras empresas aéreas, mas já há reuniões agendadas com o SindMusi e a Cooperativa de Músicos de São Paulo.

Resposta do presidente da TAM

São Paulo, maio de 2008.

Prezado Sr. Zeca,

Agradeço por voltar ao meu conhecimento para manifestar suas opiniões a respeito de minha resposta anterior. Gostaria de dizer-lhe que o assunto foi revisto e o bom senso nos indicou que deveríamos alterar o procedimento. Sendo assim, a proibição para o transporte de cases como bagagem fica restrita às bandas que carregam grandes volumes. Nesses casos, os equipamentos devem ser despachados pelo serviço de cargas. Em casos como o seu, em que o Cliente transporta seu instrumento, voltamos a aceitar o despacho como bagagem, da forma como era feito anteriormente. Espero voltar a contar com a sua presença a bordo de nossos vôos e fico a disposição sempre que precisar de algo.

Atenciosamente,

Comandante David Barioni Neto

Presidente

CulturaPrev: cobertura de risco também é importante

O plano de previdência complementar feito especialmente para a classe artística traz outros benefícios além da aposentadoria

Quando o músico vai fazer o CulturaPrev, são apresentadas algumas opções de plano para ele. Há desde o plano simples até um plano completo, no qual o músico pode também fazer cobertura de risco para invalidez e morte. Mas, afinal, como funciona isto? Quem explica é o superintendente da Mongeral, Luis Dib.

Luis cita o exemplo de um plano simples para alguém que tenha, atualmente, 34 anos e queira começar a receber a aposentadoria aos 65. Para receber cerca de 2.800 reais, esta pessoa deverá contribuir com 100 reais por mês durante 31 anos. Além desta contribuição, o músico pode ainda fazer aportes extras quando receber alguma “bolada”. “Quanto mais investimento você fizer no seu fundo, maior será a renda no futuro”, explica Luis. Se este músico apenas fizer sua contribuição de 100 reais por mês, ele chega aos 65 com uma expectativa de saldo de cerca de 300 mil reais, que vai lhe proporcionar a renda desejada de 2.800 reais por mês.

A cobertura de risco é uma espécie de proteção desta expectativa de renda. No caso de invalidez, se o músico fica impossibilitado de exercer a profissão, isto vai impedir que ele tenha renda e possa continuar a fazer os depósitos na sua conta de previdência. “Na cobertura de invalidez, você não vai precisar acumular 31 anos de contribuição para ter direito ao montante. Quem faz um plano de previdência que projeta 300 mil reais de saldo de conta, deve comprar uma cobertura de invalidez no mesmo valor. Aí será depositado, na conta, um valor contratado que seja próximo à expectativa de saldo de 300 mil reais.”, detalha o superintendente.

Um plano de previdência sem as garantias de morte ou invalidez é um plano parcial

Na cobertura de risco por morte, o raciocínio é o mesmo, só que para o caso de morte do contribuinte. A renda fica para um beneficiário definido pelo contratante do plano.

“Você não deve ter um plano de previdência sem as garantias nos casos de morte ou invalidez, senão é um plano parcial. Se o contratante do plano vier a ficar inválido ou morrer, fica apenas com o valor que acumulou até o momento”, recomenda o superintendente. Ele

dá um exemplo de um associado do SindMusi, falecido há pouco tempo. Após poucos meses de contribuição, pôde deixar para a família um valor substancial. Isto não teria sido possível se ele não houvesse contratado a cobertura de risco.

A Mongeral e o CulturaPrev

O CulturaPrev foi instituído em 2004 apenas com a cobertura de previdência, sem as coberturas de risco. A Petros, que é um fundo de pensão, não pode, por lei, fazer operações com capital de risco, como é o caso das coberturas por morte e invalidez. Além disso, o Plano não tinha um sistema de distribuição, o que tornava problemática a divulgação do CulturaPrev.

A Mongeral já tinha parcerias em planos administrados pela Petros. A empresa, que tem 174 anos de atividades na área de seguro, além de ter sido contratada pelo fundo de pensão para fazer a cobertura de risco, também faz a parte de distribuição do plano desde o fim de 2006. “Temos o papel de divulgar o plano e de garantir as coberturas de risco”, explica Dib. Com isto, aumentou bastante a adesão ao CulturaPrev em 2007.

SindMusi participa da Primeira Conferência Internacional de Músicos de Orquestra na Alemanha

Aconteceu em Berlim, entre os dias 6 a 9 de abril, a Primeira Conferência Internacional de Músicos de Orquestra, organizada pela FIM (Federação Internacional de Músicos).

O evento reuniu 180 pessoas de 39 países e contou com o apoio da Deutsche Orchestervereinigung (DOV - Sindicato alemão de músicos de orquestras) e da Ver.di (Sindicato unido do terceiro setor). A diretora de patrimônio, Ariane Petri, representou o SindMusi.

Nas primeiras falas ficou claro o tom da conferência. O presidente da DOV Hartmut Karmeier expressou que somente através da cooperação de orquestras com seus administradores é que se pode pensar chegar num futuro. Já o deputado Hans-Joachim Otto, ligado ao setor da cultura, pediu que os resultados da conferência fossem repassados para os políticos. Segundo Hans, eles necessitam destas informações para poder planejar suas ações. O maestro italiano Fabio Luisi, da Ópera Estadual da Saxônia, em Dresden e Orquestra Estadual da Saxônia, enfatizou: “A música não é para ser arquivada ou conservada em exposições, ela só se concretiza na realização. Em tempos atuais, quando as escolas cumprem de maneira insuficiente a tarefa da educação básica musical, as orquestras tem que sair da torre de marfim e se flexibilizar, sem que isso signifique uma piora nas condições para os músicos”, defendeu o maestro.

Novas soluções para ampliar o público

Nos três dias que se seguiram, foram abordados assuntos variados (veja box), organizados em seis painéis. Cada painel foi introduzido por uma palestra, depois da qual se seguia uma mesa com mais três palestrantes (sempre internacionais), discutindo o tema sob aspectos diferentes. No final de cada painel, o assunto era aberto para discussão com o público, o que trouxe muita circulação de novas idéias, como explica Ariane Petri. “Foi impressionante conhecer as estratégias de abordagem (por parte das orquestras) das diferentes camadas da sociedade, tentando chegar perto e oferecer eventos direcionados para famílias, escolas, adolescentes, crianças de faixas etárias diferenciadas, aposentados etc”, comemora a diretora.

Nas estratégias de aproximação com o público jovem, por exemplo, a escola tem papel fundamental. Para oferecer eventos para estas escolas



Mesa apresentando um painel sobre possibilidades de aprimoramento profissional com Benoît Machuel (Secretário Geral da FIM) John Smith (Presidente da FIM), Ariane Petri (diretora de patrimônio do SINDMUSI), Reinhard Pirstinger (Sindicato dos Artistas na Áustria) e Hubert Biebaut (Sindicato dos Músicos da Bélgica) (da direita para esquerda)

que possibilitem uma verdadeira aproximação dos alunos com os músicos, algumas orquestras mandam treinar seus músicos interessados para estas atividades. Estes músicos depois vão para as escolas, onde podem ou preparar a turma para uma visita na sala de concerto, ou realizar, no local mesmo, demonstrações de instrumentos



Ariane Petri e Gerald Mertens; Diretor Executivo da DOV (sindicato alemão de orquestras)

e pequenos concertos de câmara. Nesse caso, a interação dos professores com os músicos foi citada como essencial prerrogativa para o sucesso do projeto.

A necessidade é igual para todas as orquestras, mas cada uma pode desenvolver maneiras e procedimentos diferentes, porém igualmente interessantes, para atendê-las. Por isto, foi criada recentemente uma rede na internet que junta programas de educação oferecidos pelas orquestras, agindo como fórum de discussão e de idéias (www.netzwerk-junge-ohren.de). Há ainda concursos e premiações para as estratégias que mais deram certo.

Assuntos diversos

Durante o evento, todo o tipo de assunto foi debatido. Em 12 palestras se discutiu desde modelos de financiamento para orquestras até o papel das novas mídias na divulgação delas. A palestrante Pamela Rosenberg, por exemplo, mostrou como é diferente a forma como orquestras dos EUA e da Europa se sustentam. Enquanto no velho continente é mais forte o repasse direto de alguma instância do governo, nos Estados Unidos é muito comum o patrocínio e também é forte a cultura das doações de pessoas físicas. Foram ainda abordados assuntos como as novas mídias e a música clássica, entre outros.

A última palestra da conferência foi de Ariane Petri, diretora do SindMusi. Partindo da constatação que em quase todas as profissões os empregados são convidados e até incentivados a estenderem seu conhecimento através de cursos (médicos, professores, administradores etc.), foi questionado porque o mesmo não acontecia nas orquestras. “Na discussão que se seguiu foi interessante ouvir que muitas orquestras já oferecem maneiras para o músico continuar crescendo: umas colocam à disposição de cada músico uma verba anual para uso livre em cursos, material de estudo (partituras, discos, arco barroco, segundo instrumento etc.).

Outras possibilitam e financiam a viagem do naipe das madeiras para o exterior para realizar um treinamento junto a colegas de uma orquestra famosa. E outras, finalmente, liberam seus músicos quando solicitados para atuação como solista ou em cursos”, disse Ariane.

Pesquisa sobre orquestras

Durante os preparativos para a Conferência, a FIM ainda realizou um levantamento de orquestras. O questionário abordava tanto questões operacionais, estruturais, quanto as condições de trabalho dos seus músicos atuantes. Tendo como base as respostas de 164 orquestras em 24 países no mundo todo, foi feito um resumo em forma de livro, repleto de diagramas, tabelas e gráficos, demonstrando a diversidade da realidade orquestral. O Brasil estava representado através da Orquestra Sinfônica Brasileira. Esse livro encontra-se no SindMusi para consulta.

ASSUNTOS ABORDADOS NA CONFERÊNCIA

1. A apresentação ao vivo no séc. 21 - o público: como cativar, como renovar, como adaptar o repertório
2. A apresentação ao vivo no séc. 21 - financiamento
3. Novas demandas, novas mídias
4. O papel da administração de orquestras no séc. 21
5. A orquestra na sociedade
 - 5.1 Músicos de orquestra como professores
 - 5.2 Orquestra e integração social
 - 5.3 A posição do músico na sociedade contemporânea
6. Contratos, condições de trabalho, decorrer da carreira
 - 6.1 Horário de trabalho, viagens, planejamento de ensaios
 - 6.2 Saúde e segurança no local de trabalho
 - 6.3 Questões contratuais
 - 6.4 Emprego seguro
 - 6.5 Estudo e extensão do conhecimento

Música nas escolas: unanimidade na Câmara dos Deputados

Projeto de lei pela volta da música nos currículos escolares é aprovado em tempo recorde.



Francis Hime, Daniela Mercury, Senador Cristóvam Buarque, Senador Romeu Tuma, Deputado Frank Aguiar (relator do PL2732/2008), Maestrina Ligia Amadio e Carlos de Andrade. Participaram também deste encontro o cantor Zé Renato, Gabriel Pensador, Frejat e o Ministro da Educação Fernando Haddad

O Brasil teve uma grande vitória na quarta-feira, 28 de maio: o Projeto de Lei 2732/08, que trata da obrigatoriedade do ensino de música na educação básica (primeiro e segundo graus), foi aprovado, por unanimidade, na Comissão de Educação e Cultura (CEC). A proposta altera a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB - Lei 9.394/96). A Lei já determina o aprendizado de arte nos ensinamentos fundamental e médio, mas de forma muito vaga. Com a alteração, fica claro que o ensino de música deve estar disponível nas escolas.

Segundo o coordenador do Grupo de Articulação Parlamentar Pró Música (GAP), o clima durante a votação foi de confraternização, com discursos efusivos de todos os deputados presentes a favor da aprovação do PL. Estiveram presentes desde alunos de música, como os 25 estudantes da Universidade de Brasília (UNB) e da Universidade Federal de Goiás (UFG) que cantaram durante a ses-

são, até representantes de universidades e entidades ligadas ao ensino de música.

O Projeto de Lei agora tramita em caráter conclusivo na Comissão de Constituição e Justiça e Cidadania (CCJC) da Câmara dos Deputados. O PL cumpre um prazo de cinco sessões ordinárias, a partir do dia 2 de junho, para receber possíveis emendas. Com a intenção de reforçar a importância da aprovação do PL, Felipe Radicetti deixou uma mensagem para o presidente da CCJC, o deputado Eduardo Cunha (PMDB/RJ), logo após a votação vitoriosa na CEC. A relatoria final deve sair no dia 18 de junho.

Após ser aprovado na CCJC, o Projeto será encaminhado para sanção presidencial depois de parecer do Conselho Nacional de

Educação. O parecer deve ser favorável, já que o ministro da educação, Fernando Haddad, manifestou apoio ao projeto.

O caminho da vitória

Para a mobilização ter êxito nesta reta final, foi fundamental a ação do GAP. No dia 8 de abril, artistas, especialistas e membros do poder público expuseram ao ministro da educação, Fernando Haddad, a importância para o país da aprovação do PL 2732/2008. A reunião foi decisiva para obter o apoio do ministério à causa.

Logo após o encontro com o ministro, os participantes foram à Comissão de Educação e Cultura da Câmara. Lá, obtiveram

também o apoio do presidente da comissão, o deputado João Matos (PMDB/SC). O presidente da Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania da Câmara, o deputado Eduardo Cunha, também foi visitado e prometeu apoio ao PL.

Felipe Radicetti ressaltou o prazo recorde de um ano e meio desde a audiência pública que definiu o PL até a aprovação no Senado e no Congresso. A partir da sanção presidencial, o prazo para a implementação do ensino de música será de três anos. "Acho que estamos chegando no final do trabalho político. Depois devemos abrir uma ampla discussão nacional, junto ao Ministério da Educação, para ver como vai ser este ensino", define Felipe.

VivaMúsica! A música clássica em evidência

Lançamento do Instituto VivaMúsica! ajuda a encontrar novos caminhos para divulgar a música clássica

Já vai distante o ano de 1994, quando a jornalista Heloísa Fischer lançou o número zero da primeira revista VivaMúsica! Desde então, o trabalho de divulgação da música clássica não parou mais, e já começa a gerar novos frutos. Em 2008, o lançamento do Instituto VivaMúsica! é uma demonstração da vitalidade da música clássica.

Anuário VivaMúsica

O Anuário é um grande sucesso. Com dez edições distribuídas, ele hoje ajuda a centralizar as informações do mercado da música clássica. São 2.300 cadastros de instituições ligadas à música de concerto, entre orquestras, escolas de música e outros. "Isto representa mais que o dobro da primeira edição", resalta



Luiz Alfredo e Heloísa Fischer, trajetória de sucesso

Luiz Alfredo Moraes, diretor comercial da VivaMúsica! Edições.

A tiragem do anuário é de 8.000 exemplares. Além dele, a VivaMúsica

Edições também produz o Portal VivaMúsica! (www.vivamusica.com.br), a revista mensal Agenda VivaMúsica e boletins de rádio para as emissoras CBN, MEC-FM e Cultura M, de São Paulo.

Instituto VivaMúsica!

Com o sucesso do trabalho, era natural que novos caminhos fossem procurados para divulgar a música clássica. O anuário circula, principalmente, entre pessoas que já são apreciadoras do gênero. Mas há um público que não tem nenhum contato com a música de concerto, fora por audições eventuais em desenhos animados ou peças de publicidade, por exemplo. Como é um foco diferente da

Edições VivaMúsica, Heloísa Fischer e Luiz Alfredo Moraes decidiram fundar uma pessoa jurídica para procurar os novos caminhos da música clássica: o Instituto VivaMúsica!

O lançamento do Instituto aconteceu no dia 5 de março - dia da música clássica - na Academia Brasileira de Música, centro do Rio de Janeiro. A ideia é apresentar a música clássica ao público que não tem contato com ela. "Queremos descobrir por que este público não se aproxima. Identificar os impedimentos e trabalhar eles", explica Luiz Alfredo Moraes. O primeiro passo para isto é uma grande pesquisa, que deve se feita em todo o Brasil, que deve dar importante contribuição à profissionalização do mercado de música erudita.

Robertinho Silva: 50 anos de amor à música

Robertinho era só uma criança quando começou a prestar atenção aos tambores. Depois disso, o talento natural, alguma sorte e muito, mas muito estudo fizeram o garoto de Realengo se tornar um baterista do mundo

“Eu nunca fui de ficar soltando pipa e jogando bola. Meu negócio sempre foi a música mesmo”. Esta frase dá a dimensão do que a música representa na vida deste percussionista, ainda mais levando em conta que Robertinho é nascido e criado na zona oeste. “Sou carioca capiau. Eu vim da zona rural. Ser da zona oeste era diferente de ser carioca da zona sul ou do Méier”, diz Roberto.

O garoto cresceu ligado em percussão. Robertinho ouvia as caixas da banda do Quartel de Realengo, as frigideiras nos blocos carnaval e os pontos de umbanda que eram tocados no centro que ficava em casa, organizado pela sua mãe. O rádio também foi responsável por boa parte da formação musical do percussionista. “Fiquei viciado em rádio”, diz. “Com uns 12 anos ouvia a Rádio Jornal do Brasil AM, a Rádio Eldorado, que tinha programa de jazz, Radio Nacional, Orquestra Tabajara...”. Estas audições fizeram com que o garoto da zona oeste se interessasse por bateria. O primeiro ídolo foi Luciano Perrone, que na época tocava na Orquestra Tabajara.

A influência norte-americana veio pelos programas de jazz do rádio e também com os musicais do cinema. “Para nós, na época, aquilo era avançado pra caramba”, ressalta Robertinho, se referindo ao jeito de tocar dos americanos. Além disso, as rumbas e mambos da Cuba pré-comunista também faziam muito sucesso no Brasil na época. Estes eram os ritmos mais populares na zona oeste do Rio; e foram uma das fontes na qual Robertinho bebeu.

Robertinho e a bateria

O pai de Robertinho alugava quartos no quintal de casa para militares de todo o Brasil que iam estudar no Quartel de Realengo. Quando tinha cerca de 15 anos, um músico da banda do exército, chamado Jair, foi morar em um dos quartos. Jair foi quem começou a levar o garoto nos bailes para tocar. Robertinho ajudava a montar a bateria e ainda tocava bongô. No primeiro dia em que o garoto tocou, Jair já deu 100 cruzeiros para o futuro baterista. “Ele me deu 100 pratos. Mostrei para a minha mãe, que falou ‘que é isso, Roberto!’. Então pensei: acho que agora sou músico!”, se diverte Robertinho.

O garoto ainda treinava escondido na bateria do inquilino enquanto este trabalhava de dia no exército. Robertinho Silva pegava a chave usada para fazer a limpeza, abria o quarto, montava a bateria e tocava. Esse “estudo secreto” fez com que ele tomasse coragem para pedir para tocar bateria em



Robertinho Silva, um dos responsáveis pelo projeto *Batucadas Brasileiras*.

um dos bailes. Jair deixou o garoto tocar. Roberto só sentou na bateria quando a banda ia começar o baile. Quando o som começou e todos olharam para trás, a surpresa: “é você!?”. E lá estava Robertinho tocando...

Logo depois ele comprou a primeira bateria. Daí para frente, foi só subida. E o sucesso começou nos bailes da zona oeste.

Aprendizado

Uma das virtudes de Robertinho é sua sede de conhecimento. Quando ainda começava a tocar bateria, logo se preocupou em aprender música. Amigos o indicaram para o “Seu Albano”, que ensinava música ao pessoal das redondezas. Foi ele quem ensinou o significado das breves, semibreves, mínimas, semínimas e outros segredos da pauta musical ao baterista iniciante.

Depois, Robertinho Silva procurou o professor Alberto Mesquita. Mas foi com o também professor Joaquim Neagle que Robertinho aprendeu os segredos do método de Gene Kruppa - grande baterista dos EUA da era do swing. Joaquim acreditou no talento de Robertinho e o ensinou a estudar

sozinho “Ele me explicou que ‘de uma pauta você pode fazer uma página e de uma página você pode fazer um livro’”. Desta forma o professor explicou as variações que um estudante pode criar a partir de um único exercício. “Aí comecei a estudar o livro sozinho. Quando tinha alguma dúvida perguntava a um amigo e assim fui batalhando”, conta o baterista.

No centro da cidade

Depois de dois anos nos bailes da zona oeste, Robertinho Silva começou a frequentar o ponto dos músicos, na Praça Tiradentes, no centro do Rio de Janeiro. Começou então a pegar gigs na área. Ficou conhecendo todos os clubes do centro do Rio; e a maior felicidade do início da carreira do percussionista foi ser contratado para tocar no baile de carnaval que havia no Teatro Municipal em 1961, uma das gigs mais disputadas da cidade na época.

Como músico de baile, o músico participou, entre diversos outros, do grupo Flamingo. O objetivo de Robertinho era chegar às casas Dance Brasil e Dance Avenida, na Avenida Rio Branco. Estas casas eram os

lugares onde os melhores do circuito de bailes tocavam. “Ali era a grande vitrine. Tocar ali era como jogar no Maracanã”, conta Roberto. O músico chegou lá cobrindo a folga de um companheiro e acabou ficando com a vaga, em 1963. No mesmo ano, começou a tocar nas boates de Copacabana, a casa da bossa nova.

Durante toda a década de 60, a carreira de Robertinho avançou. Além dos lugares mais prestigiados do circuito de baile, o baterista tocou com Cauby Peixoto - com quem gravou em 1964 - e conheceu o primeiro dos “mineiros” com quem tocou: o pianista, arranjador e compositor Wagner Tiso, com quem formou o Som Imaginário no início da década de 70. No fim dos anos 60, Robertinho fazia parte do grupo da então recém-aberta cervejaria Canecão, de onde saiu para, definitivamente, tocar com a elite da MPB. A maior parceria do músico foi com Milton Nascimento, com quem tocou durante 25 anos, até 1998. “Devo muito à música dele. O fato de hoje eu ser conhecido se deve, em boa parte, ao fato de ter tocado com Milton”.

Ensinando a arte

Durante a década de 70, além de tocar com os maiores artistas da MPB, Robertinho passou cerca de quatro anos nos EUA, onde atuou com músicos como Wayne Shorter, Herbie Hancock e Sara Vaughan. Na década de 80, começou a colocar sua carreira solo na rua, com o álbum “Música Brasileira Popular Contemporânea”. Em trabalhos solo ou em grupo, o baterista lançou 11 álbuns nos últimos 30 anos.

Desde a segunda metade dos anos 90, Robertinho começou a passar aquilo que sabe a quem está começando. Em 1997, montou o Centro de Percussão Alternativa Robertinho Silva. O Centro já fechou, mas Robertinho Silva tomou gosto pelo ensino e rodou o mundo - do Rio à Escandinávia - fazendo workshops e cursos.

Hoje, além de fazer shows solo e com a Família Silva - grupo formado com os filhos, também músicos - e gravar com diversos artistas, Robertinho é, com o percussionista e pesquisador Carlos Negreiros, responsável pelo projeto *Batucadas Brasileiras*. Robertinho ensina música - com base na percussão - a jovens carentes da região portuária do Rio. Os mais engajados tocam na Orquestra de Percussão Robertinho Silva, que é uma proposta desenvolvida por ele com o percussionista e pesquisador Carlos Negreiros. Segundo Robertinho, o objetivo do curso é mesmo o de formar músicos, inclusive com o ensino de teoria musical.

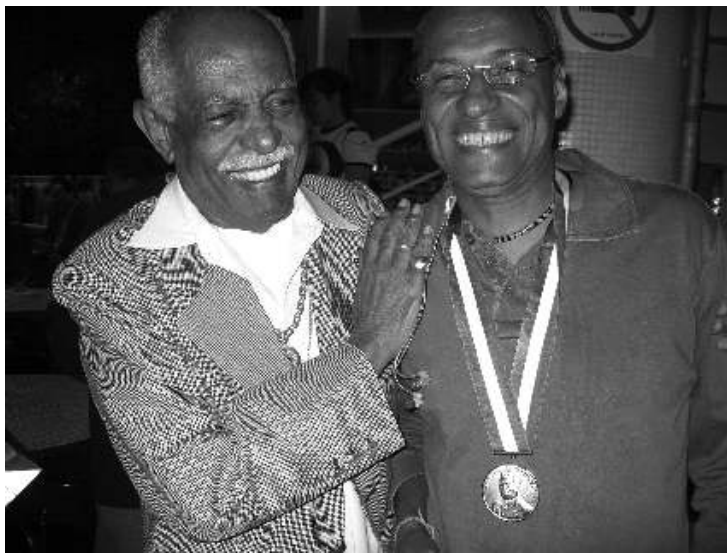
Claudio Jorge recebe a Medalha Pedro Ernesto

No dia 13 de maio, nosso amigo Claudio Jorge recebeu das mãos do vereador Eliomar Coelho (PSOL) a Medalha Pedro Ernesto, durante seu show no Bistrô Allegro, na Modern Sound.

Um dos mais importantes violonistas e compositores do Brasil, sócio e ex-diretor do SindMusi, Cajó, como é chamado pelos amigos, escolheu o 13 de maio para o show de divulgação do novo CD Amigo de Fé, lançado por seu próprio selo, Carioca Discos, por ser uma data fundamental na história do Brasil: a abolição da escravatura.

No show, além das músicas do CD novo, Claudio Jorge aproveitou para lembrar músicas que tratam da questão do negro do Brasil, como o hilário samba-enredo Luxuosos Transatlânticos (conferir título) e a Congada de São Benedito, ambas em parceria com Nei Lopes. Cajó é uma das personalidades musicais mais envolvidas nessa questão no Brasil. E ainda tirou da manga uma belíssima valsa em parceria com Cartola, (título).

Claudio Jorge retomou a carreira de cantor-compositor em 2000, quando lançou "Coisa de Chefe", também pela Carioca. Isso, felizmente, sem largar o seu violão, já que é considerado um dos melhores acompanhadores do Brasil, presente em inúmeros discos da MPB e internacionais. No show, Cajó foi acompanhado pelos amigos de fé Ivan Machado (baixo) e Jorge Gomes (bateria), contando com as participações especiais de Humberto Araújo no sax e dos parceiros Luiz Carlos



Walter Alfaiate cumprimenta Claudio Jorge

que, recebendo a Medalha, ele passa a ser Comendador.

Na platéia, com casa cheia, estavam presentes amigos-admiradores como os compositores Walter Alfaiate, Sérgio Natureza e Mu Chebabi, o jornalista Hugo Sukman e a produtora Ivani Sauwen, além de sua esposa Renata, chamada ao palco para transformar seu marido em Comendador, colocando-lhe a Medalha Pedro Ernesto. Representando o SindMusi, mais um fã e amigo de fé: o vice-presidente Itamar Assiére, que se tornou sócio e mais tarde diretor do SindMusi graças a Claudio Jorge.

Não é que o Eliomar tem razão? Salve Comendador Cajó, seu violão, suas composições, sua amizade e acima de tudo sua dignidade! O SindMusi tem muito orgulho de você. Parabéns e muito sucesso, sempre!

da Vila, Mauro Diniz e do seu filho Gabriel Versiani, que está herdando o DNA musical do pai, mostrando suas ótimas composições na voz e no violão.

Em seu discurso, Eliomar Coelho ressaltou a mais importante característica de Claudio Jorge além da música: a de agregar pessoas, por pura amizade e por causas nobres quanto a questão do negro e a questão sindical, que nós do SindMusi podemos comprovar lembrando a sua marcante atuação entre 1993 e 2002. E lembrou

LIUTERIA D'AUTORE



NILTON CAMARGO

CONSTRUÇÃO
&
RESTAURAÇÃO

RUA RAMALHO ORTIGÃO, 12/SALA 502
CENTRO-METRÔ CARIOCA
TEL: (21) 875 30616

WWW.LIUTERIADAUTORE.COM
WWW.LIUTERIADAUTORE.BLOGSPOT.COM
isidecamargo@hotmail.com

Concurso *I Solisti* premia cultura clássica

Há premiações para música instrumental erudita, canto lírico e balé clássico

Surge uma nova oportunidade para músicos, cantores e bailarinos no Brasil. É o prêmio I Solisti. O concurso, que acontece em Santos (SP), premiará artistas de até 25 anos nos campos da música instrumental erudita e balé clássico e até 30 anos no canto lírico. Os prêmios para os primeiros colocados são de 5 mil reais. A intenção é fomentar o surgimento de novos talentos na área da cultura clássica.

I Solisti

O evento foi idealizado e organizado por Cláudio Rampazzo. O arquiteto não teve qualquer formação musical, mas é um apaixonado pelas artes clássicas. Isto o fez tomar a iniciativa de apresentar um pro-

jeto à prefeitura de Santos. A baixa oferta de eventos deste tipo na cidade fez com que a secretaria de turismo encampasse a idéia. Logo o diretor artístico da Orquestra Sinfônica Municipal de Santos, Luis Gustavo Petri, também embarcou no projeto como diretor musical, com a assistência de Emiliano Patarra, também maestro.

Mesmo com o apoio da prefeitura, o projeto precisou de patrocínio para se tornar viável. Para isto, o passo seguinte foi buscar as leis de incentivo à cultura. O projeto foi aprovado pela Lei Rouanet (federal) e pelo Programa de Ação Cultural - PAC (estadual). Por conta disto, as empresas Cosipa e Usiminas são as patrocinadoras do evento.

As apresentações do concurso acontecem entre os dias 17 e 21 de junho no Teatro Coliseu, em Santos, São Paulo. As quatro noites serão divididas em três semifinais e uma noite para a grande final. A idéia é que o prêmio aconteça anualmente.

Integração

Outro objetivo é promover a aproximação entre o universo da cultura clássica e o grande público. Isto será feito por meio da integração com escolas e projetos culturais. Alguns dos jurados farão palestras em escolas públicas da cidade. Sérgio Casoy, por exemplo, que é especialista em canto lírico, ministrará uma com o tema "Tipo de vozes femininas na Ópera Italiana".

Entre os jurados escalados para o I Solisti estão o pianista Gilberto Tinetti, o pesquisador de ópera e professor da Universidade de São Paulo, Sérgio Casoy, os maestros Roberto Duarte e Emiliano Patarra. Ainda estão no elenco de jurados as bailainas e coreógrafas Ady Lucia Addor Gilioli e Toshie Kobayashi.

A entrada para as semifinais será gratuita. Já a final terá ingressos pagos, mas o preço ainda não foi definido. Entre os apoiadores estão a Secretaria de Estado da Cultura, Santos & Região Convention Visitors Bureau, a Prefeitura Municipal de Santos e a Associação Comercial de Santos. O SindMusi dá apoio cultural ao prêmio.

Mais informações sobre o prêmio em www.premiosolisti.com.br.

CGTB- Rio/Mulher e Federação da Mulher Fluminense promovem evento no mês da mulher



Sancler Mello fala sobre o PAC no Fórum

No dia 25 de março a CGTB realizou debate sobre a situação da mulher no mercado de trabalho. O pano de fundo das discussões foi a implantação do PAC - o Programa de Aceleração de Crescimento do governo federal.

A mesa de debates teve a presença do presidente da CGTB-RJ e da FASP-RJ, Marcos Vinícius, da Secretária da

Mulher na CGTB-RJ, Izalda Barreto e da diretora da Confederação das Mulheres do Brasil e da Federação das Mulheres Fluminenses, Conceição Cassano, e do jornalista Irapuan Santos, do jornal A Hora do Povo.

Já as palestras foram ministradas pela ouvidora geral e presidente do Comitê de Gênero da Petrobras Maria Augusta Carneiro Ribeiro e pelo engenheiro civil doutorado pela PUC - Rio Sancler Mello. No final, houve festa e apresentação do Zelu Quarteto.

O evento teve a apresentação da presidente do SindMusi Déborah Cheyne.

Apoiaram o fórum o SindMusi, a Federação das Associações e Sindicatos dos Servidores Públicos do RJ, Sindicato da Indústria Gráfica, Sindicato dos Professores da Rede Particular da Baixada, Sindicato dos Servidores Municipais de Araruama, Sindicato dos Trabalhadores nas empresas e Serviços de

Navegação, Sindicato dos Empregados em Edifícios de Niterói, Sindicato dos Condutores Marítimos, Sindicato dos Trabalhadores na Construção Civil de Nova Iguaçu, Sindicato das Filantrópicas e Confederação das Mulheres do Brasil e Sindicato dos Previdenciários. Os brindes foram oferecidos pela Pousada Caborê em Paraty, Noah Viagens e Turismo, Mongeral Seguros e Previdência e Ótica Liderança & União.

Universidade de Música de Araraquara

Foi lançado, no dia 27 de maio, o projeto da Universidade de Música de Araraquara. O evento contou com a presença de Antônio Neto, presidente da CGTB nacional e do presidenteda CGTB estadual, o maestro Campos Neves, entre outros. O SindMusi parabeniza a cidade de Araraquara, o Sindímúsicos e todos os que lutaram pelo projeto.

SindMusi presente no interior

O diretor administrativo do SindMusi, Álan Magalhães, foi empossado como membro titular do Conselho Municipal da Cidade e Desenvolvimento Sustentável de Teresópo-

lis representando o Sindicato. A idéia é ajudar a fomentar locais onde os músicos possam exercer a profissão.

Sindicatos e Secretaria de Relações do Trabalho

Aconteceu no dia 14 de março um encontro de sindicatos com a Secretaria de Relações do Trabalho - SRT/MTE. Durante o evento, foram realizadas mesas de discussão de assuntos de interesse das entidades de classe. O SindMusi foi representado pela presidente Déborah Cheyne e pelo diretor administrativo Alan Magalhães.

PEC da música

O SindMusi continua mobilizado para a PEC da música. A presidente Déborah Cheyne foi uma das expositoras na audiência pública ocorrida em Brasília, no dia 27 de maio.

Eleições sindicais

2008 é ano de eleições no SindMusi. Fique atento às notícias no site www.sindmusi.org.br

SindMusi oferece cursos e oficinas aos associados

Aperfeiçoamento e reciclagem em música, inglês e gestão de projetos culturais: o que não falta é oportunidade para o sócio aprender.

Um sindicato não serve apenas para reivindicar. Ele também deve proporcionar alternativas de aperfeiçoamento aos afiliados. Como qualquer outro profissional, o músico também precisa estar preparado para os desafios cada vez maiores que o mercado impõe. O SindMusi preocupado em capacitar e trazer melhor colocação dos músicos neste mercado, apóia e realiza diversos cursos para os associados.

Produção e gestão cultural

Cada vez mais os profissionais que trabalham na área cultural, como acontece com os músicos, têm que criar o seu próprio mercado de trabalho. Por isso a importância de saber fazer um projeto cultural, como explica o contra baixista Bruce Henri, um dos que fizeram o curso. "Venho tentando adequar um projeto meu à Lei Rouanet e captar recursos. Percebi que, hoje em dia, se nós tentamos fazer algo sem ter o apoio de alguma empresa, fica muito difícil. Como não posso pagar alguém para fazer o projeto, decidi aprender", explica o músico. "Uma das coisas boas do Sindicato é isso. Não só o curso. Há toda uma rede de apoio que

o Sindicato oferece. São coisas que nos ajudam na profissão", conclui Bruce.

Durante o curso, ministrado em abril pela produtora cultural Denise Grimming, foram abordados quatro tópicos principais: a caracterização do produto cultural, o passo a passo dos projetos de marketing, as leis de incentivo e a gestão e avaliação de projeto. "Como a exigência da lei é cada vez maior, as empresas querem profissionalismo no enquadramento das leis e nos projetos de busca de patrocínio. A concorrência é muito grande. Procuramos dar umas dicas não só para as pessoas fazerem o projeto como também para diferenciá-lo", coloca Denise.

O SindMusi realizou a oficina e cedeu espaço em sua sede para as aulas. Os sócios tiveram desconto.

Integrartes

Outra iniciativa de sucesso apoiada pelo SindMusi é o curso de reciclagem para músicos oferecido pelo Instituto Integrartes, de Teresópolis. Ele começou em meados do ano passado. Durante as aulas, os alunos se aperfeiçoam em percepção e escrita musi-

cal, além de estudarem harmonia. O curso já esta em seu segundo módulo e há planos de abrir novas turmas. O desconto para associados do SindMusi é de 50% nas mensalidades. "Aqui há até professores de música que resolveram voltar a estudar. Outros vão fazer o vestibular. Este curso abre novas portas e ajuda o músico a ser mais capacitado para o mercado de trabalho", explica o diretor do Integrartes Lú Guarilha.

Um aspecto importante do curso é mostrar que o Sindicato não serve apenas para cobrar. "O pessoal fica desconfiado, criticando, dizendo que já tem que pagar a anuidade, a Ordem, mas o SindMusi paga a metade da mensalidade dos sócios. Isso já muda a visão do pessoal. Além disso, o curso abre portas e dá aquele impulso que faltava para aprender mais", expõe Guarilha.

Inglês

O músico costuma viajar muito. Além disso, as oportunidades de trabalho podem acontecer em qualquer lugar do mundo. Para aceitar uma possível oferta em outro país, o músico terá que saber dizer o "sim" pelo menos em inglês. Por isso o

SindMusi fez um convênio com a Second Language, escola de ensino de idiomas, que dá desconto ao sócio do SindMusi. Além disso, uma sala do Sindicato foi cedida como espaço para aulas. Desde julho do ano passado que vários músicos participam da turma de inglês do sindicato, que já está no segundo módulo.

Novos cursos

Já está sendo organizada a segunda turma do módulo 1 do curso de produção gestão cultural, que será a partir da segunda semana de junho. Os alunos do curso realizado em abril poderão participar do segundo módulo em agosto, sempre com um belo desconto para os associados.

Alem disso, já está sendo formatando um curso de "Finale" - software de edição de partituras - provavelmente para o mês de julho. O curso será ministrado pelo Professor Ricardo Gily. As vagas são limitadas. Por isto, os interessados devem ligar para o SindMusi (21 2532 1219) e falar com Natália. Acesse também o site www.sindmusi.org.br.



Nayran Pessanha

Mariuccia Iacovino a eterna entusiasta

A morte de Mariuccia Iacovino encerra o ciclo da primeira geração de grandes discípulos de Paulina D’Ambrósio a que pertenceu também, Raquelina (Rachel Ciuffo) e tantos outros nomes ilustres do violino. Além da saudade que ficará no coração dos amigos e admiradores, o mais importante vai permanecer vivo a cada dia: o seu entusiasmo pela Música, pela vida e pelos jovens talentos.

Mariuccia não perdia um concerto para ver um jovem violinista. Havia sempre uma palavra de carinho e pra cima externava seu entusiasmo experiente e vivido. Violinista das mais atuantes tocou até bem pouco tempo, sendo homenageada por uma geração de músicos e até por Rostropovitch, o grande violoncelista russo quando de sua presença aqui no Rio.

Solista, recitalista e quartetista, sua vida foi pura musicalidade. Difundiu a música brasileira no exterior e fez várias estréias principalmente de Heitor Villa-Lobos, de quem era amiga. Como quartetista marcou época desde 1943 quando fundou a Sociedade do Quarteto. Na Academia Lorenzo Fernandez foi professora de música de câmara até 1964. Com o consagrado pianista Arnaldo Estrela fez inúmeros recitais e gravações, onde registraram de forma memorável as sonatas para violino e piano de Villa-Lobos.

Com o Quarteto da Guanabara de grande sucesso na época, apresentou várias obras brasileiras dedicadas ao conjunto. Mariuccia nos deixa mas com o dever cumprido. Leva a admiração da classe musical, o carinho dos amigos mais chegados que lembram sempre do seu bom humor.

Infelizmente não tomamos aquele prometido chá com a Ana de Oliveira mas pode ter certeza que estou usando aqueles cálices que você me deu para tomar uma pinguinha. Tintim Mariuccia!

A tempo

Temos observado cada vez mais a preocupação por parte de algumas orquestras brasileiras, de contratar músicos do leste europeu. Esse fato não é novidade entre nós, mas como agora achamos demasiado e preocupante. Muitos músicos brasileiros com qualidade artística têm sido preteridos em prol de uma pirotecnia digital que nem sempre é útil no conjunto orquestral. Provas faiscentes são duvidosas.... Porque não investir no músico brasileiro através de outras ações? Não trazer regentes do leste europeu também? Nosso próximo assunto...

Aberto o caminho para a regulamentação da profissão de musicoterapeuta

No mês de abril, no dia 23 de maio, a Comissão de Assuntos Sociais (CAS) aprovou, parecer favorável ao projeto de lei que regulamenta a profissão de musicoterapeuta. De acordo com o projeto, podem exercer a profissão os portadores de diploma universitário em musicoterapia expedido por instituições reconhecidas pelo governo federal; os portadores de diploma de escola estrangeira, desde que revalidado no país, e os portadores de diploma de nível superior que tenham exercido a atividade, comprovadamente, por cinco anos podem exercer a profissão.

A profissão

Raquel Siqueira, coordenadora do curso de musicoterapia do Conservatório Brasileiro de Música, comemora a aprovação na Comissão, mas ressalta que ainda há um caminho a percorrer. O PL, já aprovado na Câmara, agora deve ser votado no Plenário do Senado. “Este ano a Associação de Musicoterapia do Estado do Rio de Janeiro (fundada como Associação Brasileira de Musicoterapia) completa 40 anos e há 30 anos o curso reconhecido pelo Ministério da Educação. A profissão é reconhecida, mas não regulamentada. Precisamos fazer pressão para que a votação ocorra logo”, enfatiza Raquel. No site www.amtrj.com.br há mais informações sobre a atividade.

Obituário

Artur da Távola - (1936/2008)

Nascido em 3 de janeiro de 1936, Paulo Alberto Monteiro de Barros, conhecido como Artur da Távola, iniciou a carreira política em 1960. Foi deputado estadual do PTN pelo antigo Estado da Guanabara. Dois anos depois se elegeu deputado constituinte pelo PTB. Mais tarde, foi cassado pela ditadura militar, viveu na Bolívia e no Chile entre 1964 e 1968. Foi um dos fundadores do Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB) e líder da bancada tucana na assembléia constituinte de 1988. Exerceu mandatos de deputado federal de 1987 a 1995 e senador de 1995 até 2003. Em 2001, foi por nove meses secretário da Cultura na cidade do Rio.

O ex-senador e deputado fazia o programa “Quem tem medo de música clássica”, para a TV Senado. Também escrevia crônicas para o jornal “O Dia”. O jornalista também teve programas na Rádio MEC e na TV Cultura. Atualmente era diretor da Rádio Roquete Pinto e um grande aliado da música clássica.

Artur da Távola faleceu em 9 de maio de 2008



Mariuccia Iacovino (1912/2008)

Nascida em 12 de dezembro de 1913, a carreira da violinista Maria Iacovino Valls Estrella - conhecida como Mariuccia Iacovino - teve início em 1918, quando, aos seis anos, foi aprovada no exame do antigo Instituto Nacional de Música, atual escola de música da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Aos 13 anos, Mariuccia embarcou para Madri, com o professor Mario Matteo para se aprofundar nos segredos da música clássica. A menina ficou um ano na Espanha. Logo que chegou de volta, continuou as aulas com a professora Paulina D’Ambrósio, considerada até hoje a maior intérprete das obras de Villa-Lobos. As aulas com Paulina a aproximaram do maestro.

A amizade com Villa-Lobos se aprofundou depois do casamento dela com o pianista Arnaldo Estrela. Convidado pelo governo francês, Arnaldo Estrela, falecido em 1980, mudou-se com a família para Paris, em 1945, ao final da Segunda Guerra. Em 1949, Mariuccia atuou como solista da orquestra Cologne, em Paris, na primeira audição mundial da Fantasia de Movimentos Místicos, regida por Villa-Lobos em pessoa.

De volta ao Brasil, Mariuccia e Arnaldo Estrela formaram o Quarteto da Guanabara, junto com Frederick Stephany, na viola, e Iberê Gomes Grosso, no violoncelo. Em 1964, o grupo arrebatou o prêmio internacional de quartetos Villa-Lobos e viajou por toda a Europa, onde se apresentou em 52 concertos.

A violinista tocou até os 94 anos. Ela faleceu em 16 de maio de 2008 em sua casa.



BACKSTAGE
15 Anos

BANCAS • LOJAS • ASSINATURAS

Conteúdo profissional sobre produção musical

www.backstage.com.br

Sempre apoiando o músico





Daniel Guedes interpreta Nelson Macêdo
DANIEL GUEDES E NELSON MACÊDO (CD - INDEPENDENTE)

Neste CD, o violinista Daniel Guedes, acompanhado da pianista Kátia Balloussier, interpreta peças do maestro Nelson Macêdo, além de outras do Padre José Maurício e de Carlos Gomes transcritas para viola e piano por Nelson. O CD une o virtuosismo e a interpretação de Daniel com a criatividade de Nelson Macêdo em um CD bonito de se ouvir



Sergival e as coisas do Caçua
SERGIVAL (CD-INDEPENDENTE)

A música do compositor sergipano Sergival é criativa e vibrante. A formação da banda não é de música regional, apesar de usar alguns instrumentos típicos. O disco tem várias participações ilustres, como a de Dominginhos e de Chiko Queiroga.



Amigo de Fé
CLÁUDIO JORGE (CD-ZAMBO DISCOS)

O produtor, músico, e compositor Cláudio Jorge já está há 30 anos na estrada, sempre no mundo do samba. Seu CD solo anterior, Coisa de Chefe, chegou a ser indicado como melhor disco de samba no Grammy Latino. No mais novo CD de Cláudio, do partido alto à bossa nova, todos os derivados do samba estão lá para serem ouvidos com muito gosto.



Quixadá Acústico
ADRIANO GIFFONI (CD - INDEPENDENTE)

Em seu sétimo trabalho solo, Adriano Giffoni não economiza em mostrar suas qualidades musicais. O entrosamento com os músicos que tocam no disco valoriza ainda mais os arranjos e composições. A tônica do CD é muito improvisado com base na música brasileira. Um dos melhores instrumentais entre os lançamentos recentes. O destaque vai para a música de abertura, Salgueiro, e a terceira do álbum, o cha cha cha Don Chacal.

Livro



Pulsões
LUÍS FERNANDO BORGES COLHO DE SÁ (LIVRO - EDITORA THESAURUS)

Este é um livro de poesia organizado pela flautista Odette Ernest Dias. O livro ainda em um CD com poemas declamados do autor do livro e de Fernando Pessoa. A flautista toca a Sarabanda da suíte número 2 no CD. As vozes nas poesias são de Eládio Perez Gonzáles e Clara Acker. Uma boa interação entre música e poesia.

Os produtos desta sessão estão à venda na sede do SindMusi. Conheça nosso Armazém Virtual: www.SindMusi.org.br



SindMusi lança a Cartilha do Músico

Recheada de informações importantes inerentes a profissão, a Cartilha do Músico tem o objetivo de esclarecer o profissional da música abordando questões como sindicalização, previdência pública e privada, nota contratual, contrato de trabalho, direitos autorais entre outras. Orienta o músico como exercer a profissão e se inserir formalmente no mercado de trabalho. O músico pode e deve se proteger tendo conhecimento das leis do trabalho. A distribuição da Cartilha do Músico é gratuita e é uma realização do SindMusi patrocinada pela Petros.

Uma publicação do Sindicato dos Músicos Profissionais do Estado do Rio de Janeiro

grupos musicais serviços informações

Muitas são as vantagens de anunciar num produto consagrado pelo mercado como é o Guia do Músico. Visibilidade profissional é uma delas.

Uma ferramenta importante tanto para o músico quanto para o contratante. O Guia Oferece a mais completa lista de profissionais da área, reproduz as legislações relacionadas com a contratação, direitos autorais, INSS, registro de músicas e marcas, isto é, todos os instrumentos requeridos para a efetivação de contratações corretas e seguras.

Nada é mais importante para um profissional da música do que desenvolver uma compreensão cada vez mais abrangente da cadeia produtiva de sua atividade. Por isso, essa nova edição do Guia do Músico inclui uma seção inteira de comentários esclarecedores, escritos de forma simples e direta, sobre as leis de incentivo, direito autoral e muito mais.

O novo Guia do Músico 2008 estará disponível nos formatos impresso, com distribuição gratuita, e on-line.

Conheça a qualidade dessa ferramenta consagrada pelo mercado musical. Acesse www.guiadomusico.com.br.

Contatos: Paloma Niskier - Tel: (21) 2532-1219 / 2240-1473 guia@sindmusi.org.br
 Renato Marteletto - Tel: 9194-6867 comercial@guiadomusico.com.br

grupos musicais serviços informações

Participe do maior guia de informações e serviços do mercado da música